



uf

---

**MANDATO 2017-2021**

**ATA Nº12**

**QUARTA SESSÃO**

**EXTRAORDINÁRIA**

---

Aos vinte e três dias do mês de abril de dois mil e dezanove, pelas vinte e uma horas, reuniu a Assembleia de Freguesia da Penha de França, na Sala Tejo do Museu Nacional do Azulejo, sita na Rua da Madre de Deus, em Sessão Extraordinária, sob a presidência de Maria Luísa Rodrigues das Neves Vicente Mendes, coadjuvada pelo Primeiro Secretário em exercício, António Neira Nunes, e pela Segunda Secretária em exercício, Elsa Maria Noura do Sacramento. -----

Assinaram a Lista de Presenças, para além dos já mencionados, os seguintes Membros da Assembleia de Freguesia: -----

**Pelo Partido Socialista:** -----

José de Carvalho Ferreira, Maria de Fátima Carmona Travancinha Leal Gil, Maria Luíza Correia Valente, Maria de Fátima Duarte Dias do Carmo, Paulo Manuel da Costa Amaral Prazeres Pais e João Carlos Ventura Ramos; -----

**Pelo Partido Social Democrata:** -----

Afonso Miguel Silveira Machado Pereira Costa, Maria de Lourdes Dionísio Duarte Borges e Jorge Manuel Fernandes Duarte das Neves; -----

**Pelo Partido Comunista Português:** -----

Daniel Alexandre Machado de Oliveira e Nuno Miguel Prata Gomes; -----

**Pelo Bloco de Esquerda:** -----

Rui Emanuel Antunes de Seixas e Ana Cristina Duarte Neno Rato; -----

**Pelo Partido do Centro Democrático Social/Partido Popular:** -----

Pedro Raul Pires Dias de Calheiros Cardoso; -----

**Pelo Pessoas-Animais-Natureza:** -----

Filipe Tiago Pimentel Rações; -----

---

---

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito boa noite a todas e a todos. Sejam bem-vindos a esta Sessão Extraordinária da Assembleia de Freguesia da Penha de França, Sessão Comemorativa dos 45 anos do 25 de Abril de 1974, aquele dia de todos os sonhos. -----

Como habitualmente, a Assembleia de Freguesia da Penha de França comemora, anualmente, esta data, uma data que para nós é importante, e diria até que é uma data que nos permite hoje estar aqui. -----

Começaria por apresentar a Mesa. À minha direita, temos a Dra. Antónia Pinto de Matos, diretora do Museu Nacional do Azulejo, este espaço magnífico, cuja coleção de azulejos única no mundo. Agradeço à Senhora Diretora por nos receber neste espaço tão emblemático do nosso País. -----

À minha esquerda, um antigo tenente de Abril, o Coronel Andrade da Silva, que em 25 de Abril de 1974 estava em Vendas Novas, e que por volta das 22h30, integrou a coluna que ficou na zona do Cristo Rei, coluna essa que prestou apoio à coluna do Capitão Salgueiro Maia. -----

Saúdo todos os Membros da Assembleia de Freguesia da Penha de França. Senhora Presidente da Junta, na sua pessoa saúdo todo o seu Executivo. Caras e caros convidados, ilustres cidadãos e concidadãos. -----

Começando a nossa Sessão, dou a palavra à Dra. Antónia Pinto de Matos”. -----

**Dra. Antónia Pinto de Matos:** “Muito boa noite. Não estava propriamente preparada para intervir nesta Sessão, mas dar-vos-ia, de qualquer forma, as boas-vindas a esta casa, casa essa que também é vossa, e que não existia há 45 anos atrás. Havia apenas o Convento da Madre de Deus, que é, de facto, um monumento nacional, que aqui se encontra desde 1509, mas não existia o Museu Nacional do Azulejo, existindo já um núcleo desde 1965, tendo aberto ao público em 1971, mas apenas em 1980 foi criado o Museu Nacional do Azulejo. -----

Sou alentejana, e venho de uma terra onde porta sim porta não havia um preso político, e desde criança frequentava uma sala de aulas onde muitas meninas, havendo escolas separadas naquela altura, tinham o pai na prisão, sem que eu compreendesse muito bem, uma vez que só ia para a prisão quem tinha feito alguma coisa de mal, e

---

*não me explicavam o porquê dos pais daquelas meninas estavam presos. Sabia, no entanto, que se faziam reuniões, no meio das searas, para não serem descobertos. -----*

*De certeza que o Senhor Coronel irá dizer que o melhor sítio para se viver o 25 de Abril foi onde ele estava, mas eu digo que eu estava no melhor sítio de todos, pois estava na universidade, encontrando-me hospedada num lar da Mocidade Portuguesa Feminina, e no dia 25 de abril de 1974 tinha uma frequência na universidade, mas como estava no lar da Mocidade Portuguesa, trancaram o lar, e o mesmo foi apedrejado. Não me preocupei com a minha família e a única coisa que eu queria saber era se ia perder a frequência que tinha nesse dia. Tinha-me levantado muito cedo, para rever a matéria, e comecei a ver muita inquietação, as pessoas a formarem uma fila para usarem o telefone, e eu apenas queria telefonar para as colegas para saber se tinham saído de casa, tendo umas saído e nós não podíamos sair. -----*

*Depois disso houve um período das RGA's, com grandes reuniões que se prolongavam pela noite sem que nós quiséssemos perder nada, levando um lanche de casa, e onde se votavam coisas várias. Normalmente não eram os grandes problemas da academia que nos preocupavam, mas sim os grandes nomes do capitalismo para irem para o Campo Pequeno. -----*

*Lembro-me de estar, uma vez, em casa do senhor Champalimaud, e costumo dizer sempre que até na morte o senhor Champalimaud nos surpreendeu, ao deixar uma grande fundação, que hoje é tão importante para o País, e pensava o que acharia ele se soubesse que eu, no 25 de Abril, estava no meio do anfiteatro da universidade a votar nos capitalistas para irem para o Campo Pequeno, sem sabermos ao certo o que estávamos a votar, sem estarmos preocupados com a adequação das matérias. -----*

*Nasci numa família onde o meu avô, mais do que o meu pai, era muito politizado, e eu, ao mesmo tempo em que fazia a faculdade, estava no Instituto Francês, onde estudava civilização, história e língua francesa, e resolvi que ia para Paris, e acharam que uma menina ir sozinha para Paris era uma grande aventura, tendo-me dado diversas alternativas, ficando em casa de certas pessoas, querendo eu ficar apenas na casa de uma família francesa, tendo lutado muito com o apoio do meu avô, e a minha mãe acedeu caso eu fosse para casa de uma família católica, e consegui-o através do*

---

*Instituto Católico. E fui, três meses por ano, durante cinco anos, para casa de uma família francesa, e o meu avô avisou-me de que o mundo não se esgotava em Paris, sendo Paris para mim o centro do universo, e Paris era, nos anos 70, o centro do universo, facto que hoje muitos se esquecem, sendo um local onde se encontravam pessoas de toda a parte do mundo, e vim, de facto, a confirmar que o mundo não se esgotava em Paris. -----*

*O 25 de Abril foi, de facto, muito importante, e os jovens presentes não podem imaginar o que foi o 25 de Abril, pois não o viveram, e eu na altura também não sabia que hoje iria estar aqui, nem que iria estudar História de Arte, que iria visitar tantos países e que iria aprender tanta coisa que o 25 de Abril proporcionou. -----*

*Muito obrigada.” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “*Senhor Coronel, a palavra é sua.*” ---

**Coronel Andrade da Silva:** “*Boa noite. Em primeiro lugar, quero dizer que isto é mesmo 25 de Abril. De manhã estava em Alhandra e foi-me pedido para vir aqui falar sobre o 25 de Abril, e nós estamos sempre dispostos, até à hora da morte, a falar do 25 de Abril e a defender o 25 de Abril, onde quer que seja. -----*

*As jovens digo que o 25 de Abril foi um dia de vigor e de glória, e é preciso dizer o que aconteceu. Naquele tempo, eu vim da Madeira para Academia Militar, e era Tenente, e nós, os jovens, achámos que o Regime tinha terminado, e tivemos de tomar uma atitude que foi mudar as coisas: mudar a guerra e mudar o Regime. Mente-se quando se diz que nós quisemos mudar porque os oficiais milicianos nos iam ultrapassar. Isso é falso. Houve essa questão, mas não era a questão dos nossos camaradas milicianos nos ultrapassarem. Eu era tenente. Quem é que me ia ultrapassar? Ninguém me ia ultrapassar porque estavam todos à minha frente. E a maior parte de nós era tenente com 25 anos. Ninguém nos ia ultrapassar. Mas havia uma questão fundamental que era o nós, como profissionais, e tenho aqui as provas no diário de guerra, fui mandado para Angola em dezembro de 1971, e quando saí da Academia Militar e cheguei à guerra, e ali o camarada Antão não me deixa mentir, e quando se sai da Academia Militar com boa classificação, do ponto de vista militar e intelectual, saímos todos convencidos que somos generais, e quando lá cheguei*

---

*deparei-me com uma coisa muito esquisita. Fui para Lumbala Velha, e como sou madeirense gostei muito dos rios e das árvores, mas relativamente à parte militar nem me quero pronunciar. Achei tudo tão esquisito e tão estranho que perguntei, “mas que tropa é esta?”, mas por prudência deixei-me ficar calado. Uns dias mais tarde apareceu por lá o General Bettencourt Rodrigues, um General todo-poderoso do Exército português, e eu disse ao General “Meu General, na Academia Militar aprendi isto, isto e isto, e eu aqui não posso fazer isto, isto e isto”, e em tempo de guerra o não poder fazer “isto” significava a morte dos nossos soldados, a morte de jovens, e eu ia para lá para ser comandando e não para comandar. Quem devia de estar a comandar era o Capitão, que não estava, tinha-se ido embora de baixa para Luanda, e eu, aos 23 anos, tive de assumir o comando da Companhia, o que significava comandar 150 homens na guerra e assumir a responsabilidade por aquelas vidas, sem poder cumprir com o que tinha aprendido, mas querendo cumprir. O General ia com uma comitiva enorme, com uns senhores muito graduados, e esperava que dissessem “deem tudo ao nosso Alferes para o nossos Alferes acreditar nas nossas capacidades”. O Senhor General Bettencourt Rodrigues disse-me isto “fazemos a guerra com os meios que temos” e eu a partir daí calei-me e percebi que estávamos feitos à nossa sorte. -----*

*Depois recebi a notícia de que tinha morrido no hospital da Estrela o meu camarada Pardal Maurício. Não morreu nessa altura, mas eu recebi a notícia de que ele tinha morrido. Este meu documento foi um diário escrito na guerra, e diz-se que a história é feita de documentos, e eu nessa altura eu digo “Caro Camarada, quis sorte a nossa de andarmos aqui a morrer, não sabemos bem porquê, quando sabemos e sentimos que a corrupção campeia e que esses senhores que fazem a corrupção nos mandam aqui combater e esquecem-se de nós, não nos dando meios, nem alimentação, nem casa, nem roupa.” É preciso perceber que em Lumbala Velha, onde eu andei, comíamos salsichas com arroz ou arroz com salsichas, e quando queríamos carne, tínhamos de ir para a caça, nós é que tínhamos de caçar. Por acaso, nessas idas, até se simulavam umas emboscadas. -----*

*Em 3 de novembro de 1972, e quando se diz que os oficiais do quadro, naquela coisa que se chamava de aerograma, eu disse aos meus camaradas subalternos, tenentes e*

---

alféres: “caros camaradas, chegarmos aí temos de nos reunir e dizer a estes senhores, aos nossos chefes, basta! Acabou! Isto não pode ser! Isto tem de mudar.” -----

Em 1973, começam os meus camaradas, um pouco mais velhos, e experientes, e a questão do ser mais velho tem a ver com a maneira como olhávamos para os capitães, como o Salgueiro Maia, com experiência de guerra, e nós olhávamos para eles como se fossem pessoas muito mais antigas do que nós, e só por estes dias e por estes tempos é que vim a descobrir que o Salgueiro Maia era um jovem também, tinha no 25 de Abril 29 anos, e eu tinha 25, e nós olhávamos para aqueles capitães e pensávamos que eram pessoas com mais idade. -----

Portanto, a característica fundamental do 25 de Abril é a juventude. A juventude não queria aquela guerra nem aquele Regime. A juventude não suportava ver os nossos soldados morrerem, e eu ainda fui instrutor e vi um militar a quem tinha dado instrução, o alféres Milheiro, morrer na Companhia que eu estava a comandar, e que por sinal era um pacifista e quando lhe estava a dar instrução falei muitas vezes com ele sobre o pacifismo. E este aparte também serve para dizer que algo que também não é verdadeiro, pelo menos na Escola Prática de Artilharia não o era, que houvesse um conflito entre os Oficiais do quadro e os Oficiais Milicianos. Sempre me dei muito bem com os Oficiais Milicianos, com os Sargentos Milicianos e com os soldados, e apesar de nem todos dizerem bem do meu comando, todos dizem que eu era rigoroso, mas humano. Havia conflito entre nós, quem nos comandava – os nossos Generais, e o Governo. É verdade que em setembro de 1973, numa reunião em Alcáçovas, o Vasco Lourenço, e naquela altura era um homem com muita pujança e muita força, na voz e no corpo, diz “temos de ir para a frente e fazer isto”, e por acaso o meu Comandante para a Revolução era este homem, e eu pensava “com este homem vou até ao fim do mundo” e eu era um jovem e até quis ser dos primeiros a assinar um documento para que os mais antigos não ficassem para trás. -----

Depois disso, encontrámo-nos na casa do Salgueiro Maia, um conjunto de unidades, e não se fala muito nisto, mas vou contar a história conforme eu vivi os factos, e que na história oficial não aparecem je ne sais pas pourquoi. -----

---

*Na casa do Salgueiro Maia, reunimos as chamadas “unidades de força”, a Escola Prática de Cavalaria, a Escola Prática de Infantaria, os Paraquedistas e o CIAP. E aí, muito claramente, em novembro de 73, haviam duas propostas em cima da mesa, ditadas pelo Salgueiro Maia: acabar a guerra e mudar de regime. Foram realizadas duas reuniões. A nossa convicção era que era preciso acabar com aquela guerra e, também é verdade que nós como jovens, tínhamos um sonho de mudar Portugal e o mundo e que, acabada a guerra, íamos dar as mãos uns com os outros e acompanhar os africanos na questão da lusofonia. Os jovens nunca sonharam, nunca pensaram, nunca souberam que era possível que a descolonização ia seguir aquele caminho e que após o fim da guerra íamos ter uma guerra civil em Angola e em Moçambique. O nosso desejo de acabar com a guerra não era só pelos portugueses, morreram 10000 soldados, mas morreram muitos mais africanos, e na guerra morre-se de um lado e morre-se do outro, e a única solução que há para estas coisas é a paz e a liberdade, e em todos os momentos e em todos os sítios, são os melhores para viver a liberdade. A liberdade não foi melhor vivida por nós (militares) mas sim foi melhor vivida por todos. Nós (militares), por exemplo, saímos de Vendas Novas, e com o Salgueiro Maia aconteceu o mesmo, e é preciso dizer isto aos jovens: nós saímos às três da manhã de Vendas Novas, e são cerca de 100km, e só chegámos ao Cristo Rei entre as sete e as oito horas, portanto, levámos mais de três horas a chegar, apesar da progressão militar não ser feita a toda a velocidade. -----*

*Naquela noite de 24 de abril, quando tomámos a Escola Prática de Artilharia, os meus camaradas incumbiram-me de assaltar o gabinete do Comandante, de armas na mão, e de ocupar a Unidade, e fizemo-lo às 22h55 do dia 24 de abril, outro facto histórico de que a primeira senha – a única senha – do 25 de Abril (e na tropa só há uma senha), que era o “Depois do Adeus” quando faltavam 5 minutos para as 23h. Porque é que aparece o “Grândola Vila Morena”? Aparece porque o rádio que ia transmitir, naquele tempo, e parece que andamos a falar daquele tempo em que Jesus Cristo andava aí, mas não é bem assim, mas naquele tempo as nossas emissoras não tinham capacidade de difundir as mensagens para todo o País. A Emissora que transmite o primeiro tinha capacidade para difundir por cerca de 100km de distância e*

---

*os outros não ouviriam a mensagem, e combina-se haver uma segunda mensagem, a “Grândola Vila Morena”, para todo o país ouvir. Nós entramos em ação às 22h55m00s. E estivemos 1h30 sozinhos na Revolução, sem sabermos, e as comunicações eram muito complicadas, e só soubemos que havia alguma coisa e que os outros estavam em marcha quando ouvimos o primeiro comunicado às 4h e tal da manhã, já nós vínhamos a caminho do Montijo, e na altura eu era ainda mais madeirense do que aquilo que sou hoje, tinha acabado de chegar da Madeira, e o que recordo daquela noite é o silêncio, uma noite alentejana, e eu tive muito tempo no Alentejo, e foi uma grande honra estar no Alentejo, e no pós 25 de Abril fiz a Revolução Agrária – não houve uma reforma agrária, isso já era num patamar mais acima – até ao 25 de Novembro, estive em muitas zonas e aprendi muito, ouvi histórias de grande sofrimento no Alentejo, mas o que me recorda daquela noite é o silêncio, e o Alentejo ainda continua a ser silencioso. Havia um silêncio muito grande, numa noite muito escura, e uma noite muito fria, mas há 45 anos atrás não chovia. E durante muitos anos pensei “ó João, aquele frio que tu sentias, provavelmente não era só frio climatérico, também era frio de medo”. E devia de ser. Passado uns anos fui ao Cristo Rei, numa Sessão destas, e de facto aquela zona de Almada é mesmo muito fria. -----*

*Chegar ao Cristo Rei, e nós vínhamos com obuses por ali abaixo, que na linguagem civil de chama canhões, e muita tropa de infantaria, e a verdade é que o povo que se encontrava junto ao Cristo Rei não nos ligava nenhuma e nós, ou eu pessoalmente disse: “então nós vamos no meio de uma revolução e ninguém nos está a ligar nenhuma?”, mas na verdade, é que a partir das nove da manhã, o povo de Almada e do Pragal levantaram-se e montaram uma coisa que era difícil naquela altura, uma cozinha de campanha, e durante os três dias em que ali estivemos fomos alimentados com comida quente feita pela população. No regresso, quisemos ser simpáticos e agradecer e fizemos o agradecimento dando uma munição a cada pessoa. Quando chegámos ao quartel, como tínhamos assaltado os paióis, o Tenente que tomava conta dos paióis, o Tenente Nobre, disse “Epá, eu não fui preso. Devia ser preso porque vocês me assaltaram o paiol e se não resultasse era preso, agora vou ser preso porque*



---

por falta das munições!” e eu disse “Não, não! Foram munições para a Liberdade, o senhor está safo”. -----

*A Escola Prática de Artilharia, de quem pouco se fala, é uma escola muito jovem, éramos 13 Tenentes, e 3 Capitães, e naquela Escola pensámos em várias coisas: uma, até de um militar mais antigo, o Capitão Cardoso, era “se ninguém fizesse nada, nós vamos fazer a comuna das Vendas Novas – pomos ali uns obuses, partimos o País a meio, e nem para cima nem para baixo”. Havia outro meu camarada, antigo Tenente, e esta trouxemos para Lisboa, e não tínhamos dúvidas do que poderia acontecer, sabíamos que ao sairmos dos quartéis podíamos ser mortos e se não fossemos mortos e perdêssemos, podíamos ser presos, mas nós íamos vender a nossa derrota muito cara. A Siderurgia Nacional sempre nos apaixonou muito, e se nós fracassássemos íamos bombardeá-la antes de regressarmos a Vendas Novas. Trazíamos objetivos pré-programados, que eram abater qualquer navio que ameaçasse as forças do Salgueiro Maia, e esse qualquer navio podia ser um navio português, da NATO, ou do inferno, qualquer navio que constituísse uma ameaça sobre as forças do Salgueiro Maia seria inexoravelmente bombardeado. E aqueles que foram militares saberão, nós trazíamos um obus chamado 8.8, um obus da Segunda Guerra Mundial, capaz de fazer tiro direto, e que faz muitos estragos, e era um tiro maciço. Nós estávamos preparados para abater um inimigo que, eventualmente, pudesse aparecer. A Marinha não era nossa adversária, mas se aparece ali um avião tinha sido complicado. Eram essas as ordens que tínhamos recebido do Posto de Comando, onde estava o Otelos e os outros camaradas. -----*

*Na tropa, mesmo na Revolução, não fazemos o que queremos, seguimos ordens, e quem aderiu a seguir o comando vinha enquadrado, mesmo que não concordassem, do ponto de vista da revolução, do ponto de vista dos objetivos que tínhamos, com aqueles que os vinham a comandar. E eu confesso que não concordo nada, que não concordei, e que continuarei a não concordar com a pessoa que me veio a comandar, mas as coisas correram assim, tenho a minha convicção, e pelas atitudes militares que tomou podem fundamentar a minha opinião. Mas ali trazíamos um objetivo, que veio a acontecer, uma fragata, a fragata Gago Coutinho, que estava integrada numa formação da NATO,*

---

*e que recebeu ordens para sair da coluna e andar em redor do Cais das Colunas, que na marinha se chama “pairar”, e o Comandante recebeu ordens para fazer fogo contra o Salgueiro Maia, e agora há versões contraditórias, e eu não vou entrar nas versões. O Comandante disse que não deu nenhuma ordem para disparar, ou que deu ordem para um tiro de salva, outros dizem que ele deu a ordem, mas o que é certo, e aqui não há dúvidas, é que se ele desse tiro de salva tinha sido bombardeado. Os meus camaradas da Marinha dizem que nós nunca afundávamos aquele navio, mas também não precisávamos. Com tanta fogachada ali, os oficiais não abandonavam o navio, faz parte das regras, mas os marinheiros... como de facto aconteceu, na coluna que veio frente-a-frente à coluna do Salgueiro Maia, comandada pelo Brigadeiro Junqueira dos Reis, o Soldado Costa não fez fogo contra o Salgueiro Maia, recolheu-se, e nas palavras dele disse “esta guerra é daqueles senhores, eles que resolvam estas coisas, e quando isto acabar que me chamem”. -----*

*Uma grande diferença entre os soldados do 25 de Abril e os que defendiam o Regime anterior é que os nossos soldados vieram porque quiseram. A primeira pergunta que fizemos foi “querem-nos acompanhar?”, “quem não nos quiser acompanhar dê um passo atrás” e os militares dessa altura, e o serviço militar era obrigatório durante 4 anos, recebiam de vencimento vinte ou trinta centavos. Eu, como Alferes, fui fazer um pagamento, porque o meu Capitão me tinha mandado, e tinham de me tratar por “vossa senhoria, meu Alferes, se me dá licença”, e depois fui dizer ao meu Capitão que não voltava a fazer pagamentos de frete, porque me sentia mais envergonhado do que o soldado, então eu era uma “vossa senhoria” e depois dava-lhe trinta centavos? Portanto, aqueles militares, no serviço militar obrigatório, com a teoria ideológica, era, de facto, um serviço de escravo, e dissemos aos nossos soldados “vamos a Lisboa para acabar com o serviço militar obrigatório e para acabar com a guerra”. -----*

*E isto para os jovens, e lembrando aos outros, o que é que custou aos jovens, com 10 ou 13 anos, estar em casa, no Alentejo e noutras terras, e entrarem 4 ou 5 PIDEs, sem mandatos de captura, e a qualquer hora, e arrastarem os pais para a prisão, à vista dos filhos? Isto acontecia, era uma regra. Aqueles que protestavam, e não era preciso protestar com a política, bastava protestar por um pedacinho melhor de salários, e no*

---

*Alentejo havia muito latifundiário que praticava muita injustiça, e eu também fui contra isto, e podem consultar as fotografias e ver raparigas lindíssimas, e homens, de pé descalço, e que se vê bem na fotografia o que aquele pé palmilhou, e foi contra todas estas coisas que fizemos o 25 de Abril. -----*

*Em relação à nossa Artilharia, o Marcelo Caetano enganou-nos. Quando foi o 16 de março, ele fugiu para Monsanto, e nós trazíamos nos objetivos pré-programados Monsanto, portanto se ele fosse para lá seria bombardeado, só que houve alguém, que eles também pensam, que disse “é melhor não irem para Monsanto, que os artilheiros veem aí e ainda mandam para ali umas granadas”, e então resolveram ir para o Carmo. -----*

*Onde se funda o 25 de Abril, e isto é para jovens e para todos nós, atitude corajosa, uma atitude excepcionalmente corajosa, e há palavras que não podem entrar em desuso, e nós que vivemos estas coisas, nunca deixaremos nem devemos deixar, por dever ético, patriótico e humano, cair em desuso: há heróis. O Salgueiro Maia foi um herói, quando vendo que isto estava tremido, quase perdido, sem se saber para que lado ia, quando as forças militares no terreno, na Praça do Comércio, eram favoráveis ao Regime anterior, os carros de combate comandados pelo General Junqueira dos Reis eram uma força muito superior à do Salgueiro Maia, só que lhes faltava a motivação, faltava-lhes um motivo, faltava-lhes a razão, e do nosso lado havia a convicção e a razão. Mas criou-se ali um impasse, sem que nenhum avançasse, e o Salgueiro Maia, numa atitude consciente, patriota, de um homem excepcional, diz “Bem, tenho de enfrentar aqueles senhores. Vou dar a minha vida por esta Revolução, vou dar a minha vida por este facto – ou vou morrer ou vamos vencer”, e tem uma conversa com um camarada nosso, o Alferes Maia Loureiro, um rapaz de 27 anos, e que também faz parte da Associação Salgueiro Maia, porque em honra do Salgueiro Maia fundámos uma associação, e há muita gente a falar do 25 de Abril, mas é preciso pôr no centro este nosso herói, o Salgueiro Maia, e se grande portugueses têm uma Fundação ou uma Associação, o Salgueiro Maia também a merecia, por ter lutado para que a população e os militares, sobretudo os deficientes, tenham camas, e faltam camas em Lisboa para os que vão ficando deficientes, e passaram os hospitais militares para a alçada da Santa Casa e*

---

*outras, e deixaram de prestar esse serviço. Nós, os militares, não temos hospitais só para nós. A solução encontrada, que é ir para a Santa Casa da Misericórdia, que tem parte das camas disponíveis para os militares. Nós, militares, quando vamos combater, vamos em nome da Nação, não vamos em nome do soldado, não vamos em nome do Senhor Cavaco Silva, quando foi Presidente da República, não vamos em nome do Senhor Marcelo Rebelo de Sousa, não vamos em nome do Senhor Costa, vamos em nome da Nação, a Nação é que nos manda, vamos prestar um serviço à Nação, e se morrermos ou se ficarmos deficientes a Nação toda tem o dever de dívida para aqueles que ficaram deficientes. E essa dívida deve ser paga por generosidade, é um dever ético, e nós, e aqueles que são cidadãos de parte inteira, sentimos isto, e alguns que são filhos ou familiares destas pessoas, e de alguns que ainda têm a guerra dentro da cabeça. A minha foi-me levando a ser psicólogo, e licenciiei-me em Psicologia, e digo que o stress pós-traumático é uma coisa tremenda, não só para aquele que tem a guerra dentro da cabeça, mas também para a família. E o último militar que combateu vai descer à campa rasa em 2035, de acordo com os estudos e a esperança média de vida, e até lá vão envelhecendo mais e vão precisar de cuidados. -----*

*E o Salgueiro Maia disse para o Maia Loureiro: “Vem comigo e leva uma granada. Se isto der para o torto, eu morro, mas eles também vão”. E o Brigadeiro Junqueira dos Reis, no 25 de abril, tão generoso, tão querido, mandou executar, e o Alferes Miliciano Sottomayor, recusa-se a fazer fogo, e aí se decidiu o 25 de Abril, o Dia da Liberdade, que abriu as portas para um mundo imenso, mas a construção da Liberdade não foi nem é dos militares, é da Nação, e o que o 25 de Abril fez foi abrir as portas que estavam fechadas e que davam para muitos caminhos. Nós, os militares, não temos a responsabilidade dos caminhos que Portugal tem seguido ou que venha a seguir. O 25 de Abril abriu as portas, hoje, a realidade que temos, foi feito depois das portas terem sido abertas e da Liberdade e da Democracia, os movimentos políticos e sociais terem chegado. Para quem fez o 25 de Abril, para quem, aos 25 anos, sonhou mudar Portugal e pensar que a democracia era uma solução que agradaria e que seria mais apoiada no voto de todos os portugueses, é com grande dor, com grande sofrimento, que verificamos que 48% dos portugueses não votam, e que esta preocupação fundamental*

---

*da democracia – da Democracia que nós fizemos - não é tão fundamental e preocupante. -----*

*O 25 de Abril foi feito com a perspetiva de se fazer algo novo em Portugal, e a influência da Revolução do 25 de Abril é mundial, e foram criados novos países por causa do 25 de Abril, e teve uma influência extraordinária e de grande força em Espanha. -----*

*Na minha opinião, os Militares de Abril podiam, e deviam fazer mais em Portugal e no mundo. Na minha opinião, os Militares de Abril podiam, e deviam fazer aquilo que eu chamo de “diplomacia dos Militares de Abril” em países onde os militares não usam as armas nem o seu poder ao serviço do Povo. Esta diplomacia militar, julgo, devia ser feita no Brasil, em Portugal e nos países latino-americanos. Provavelmente não saberão, ou terão alguma dificuldade em saber o que é que os Militares do 25 de Abril, do exército das Forças Armadas está lá pelo povo, para defender o Povo, sentem ao ouvir dizer, em determinados países, que os exércitos estão ao serviço de ditaduras e contra o seu povo. E uma das coisas extraordinárias, e únicas no mundo, é que o exército português foi formatado, durante 48 anos, para servir a ditadura e, coisa inédita no mundo, aqueles jovens fizeram um quase-impossível, derrubando os militares e derrubando a ditadura. -----*

*Não sou corporativista, e a instituição militar não me beneficiou em coisa nenhuma, nem ninguém, mas é preciso não esquecer de uma coisa: os militares, desde 1918, fizeram muitas revoltas, e muitos foram presos e mortos e, infelizmente, alguns camaradas meus que escrevem muito, e já lhe tenho dito que escrevam sobre as revoltas militares. Houve muitos militares que lutaram, logo em 1931, contra a ditadura, e os militares portugueses têm usado, de uma maneira geral, o lema “sempre ao lado do povo, em defesa do povo, por Portugal e pelos portugueses”. -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *Muito obrigada, Senhor Coronel Andrade da Silva, Militar de Abril, e que ainda hoje vive os ideais daquele dia glorioso.*

*Vamos agora passar às intervenções políticas dos diversos Partidos que têm assento na Assembleia de Freguesia da Penha de França. -----*

---

*Começaria por dar a palavra ao Senhor Deputado Filipe Rações, do Pessoas-Animais-Natureza. -----*

**Filipe Rações – eleito do PAN:** *“Boa noite a todos. Exma. Senhora Diretora do Museu Nacional do Azulejo, a quem deixo um agradecimento particular por ter tornado este evento possível; Exmos. Membros da Mesa da Assembleia de Freguesia; Exmos. Membros da Junta de Freguesia; Caros colegas da Assembleia; Ilustres convidados e público presente. -----*

*Dentro de menos de 2 dias, celebraremos o 45º aniversário da Revolução dos Cravos, do triunfo da Liberdade sobre a Opressão e a Censura. Desde 1974 que Portugal tem assistido a grandes avanços em matéria de direitos e liberdades, de proteção e empoderamento das múltiplas minorias, de combate às discriminações especista, racial, sexual, religiosa, social, cultural. -----*

*Hoje vivemos num país mais solidário para com o Outro, mais acolhedor da Diversidade, mais respeitador das várias formas de vida que partilham com o ser humano o planeta Terra, e que são dele igualmente merecedoras. -----*

*E todos estes avanços foram concretizados tendo por pano de fundo os princípios da Democracia e o apoio das instituições que a enformam. -----*

*Porém, acautele-se quem considera que a Democracia, uma construção social que é tanto mais forte quanto mais fortes e íntegros forem os seus praticantes, está de boa saúde e que a toma como algo imutável, impenetrável, eterna, invulnerável. -----*

*A Democracia hoje, e um pouco por todo o mundo, está sob ataque. O hipernacionalismo e o populismo mal-intencionado são dois vírus que corrompem e erodem mesmo aquela que aparentemente é a mais firme e sólida de todas as democracias. -----*

*Mas o cerco à Democracia não se limita a ideologias e movimentos políticos que procuram o autoengrandecimento em detrimento do bem-estar do máximo possível de seres vivos, humanos e não-humanos; não se limita às atividades ilícitas e gananciosas dos espíritos corruptos e corruptíveis daqueles que deveriam ser os representantes do Povo; não se limita às vulnerabilidades da construção das instituições democráticas, às*

---

*incapacitantes divisões partidárias nem à conceção obsoleta da realidade com algo categorizável entre “esquerda” e “direita”. -----*

*O abstencionismo é, também ele, uma farpa potencialmente fatal no flanco da Democracia. Um abstencionismo provocado pela falta de confiança que existe por parte da população face a quem diz representá-la, por esses representantes eleitos representarem os seus próprios interesses e ambições, ou os interesses de outros poderes. E esta falta de confiança da população na política degenera na já tão familiar falta de participação na vida pública, reduzindo o grau de responsabilização dos poderes políticos e públicos e criando terreno fecundo para o surgimento de forças antidemocráticas, que pugnam pelo autoritarismo, pelo racismo, pela xenofobia, pelo especismo, pelo antropocentrismo, pela homofobia e transfobias, e por tantos outros vícios tóxicos que sufocam a Democracia e, com ela, todas as nossas vozes. -----*

*Todos nós somos agentes da Democracia. Por isso, todos nós temos o dever, mais do que o direito, de a defender, nutrir e aprimorar, sabendo, contudo, que a perfeição é inatingível. -----*

*Assim, respondamos ao chamamento urgente para defender a Democracia, para defender o nosso direito a sermos ouvidos, a responsabilizarmos quem nos representa, a termos uma voz na definição dos nossos próprios destinos e do destino do nosso planeta, bem como de todos os outros seres vivos que nele habitam. -----*

*Combatamos, no máximo de frentes possível, as forças e os interesses - sejam eles internos ou externos, governamentais ou não-governamentais - que procuram fragilizar e debilitar as instituições e princípios democráticos. -----*

*Enfrentemos, imbuídos de um espírito de pacifismo assertivo, de viva voz, e de cabeça erguida, o economicismo míope, o antropocentrismo pernicioso e o egocentrismo infecioso e necrosante. Rejeitemos o unilateralismo, as demonstrações de força e a institucionalização da desconfiança. -----*

*Acolhamos, de braços abertos e peito solidário, a Diversidade e o Outro, semelhante e não-semelhante, igualmente digno de respeito, direitos, liberdades, e com um valor que lhe é intrínseco e inalienável. -----*

---

*Daqui pouco mais de um mês, todos nós seremos chamados às urnas para votarmos um novo rumo para a Europa. Sejamos conscientes, analisemos cuidadosamente as opções que se nos apresentam. Escolhamos com cautela, com presença de espírito, com visão e com solidariedade, com esperança num futuro possível e melhor, num planeta que precisa de uma mão que o proteja e suporte, e não de uma mão que lhe desfaça o coração. -----*

*Muito obrigado e Viva a Liberdade!” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *Muito obrigada, Senhor Deputado. Dou agora a palavra ao Senhor Deputado Pedro Cardoso, do Centro Democrático Social/Partido Popular. -----*

**Pedro Cardoso – Eleito do CDS/PP:** *“Exma. Senhora Presidente, e respetiva mesa da Assembleia; Exma. Senhora Presidente, e respetivo Executivo da Junta de Freguesia da Penha de França; Senhores Membros da Assembleia de Freguesia; à Senhora Dra. Antónia Pinto de Matos, agradecer-lhe por esta amabilidade de nos receber na sua casa; ao Senhor Coronel Andrade da Silva, manifestar-lhe o que é o sentimento de gratidão e também expressar a honra que é tê-lo aqui e ouvir o seu testemunho; Caros fregueses e caros convidados. -----*

*Na Sessão evocativa do aniversário do 25 de abril de 1974, dirijo-me a esta Assembleia na qualidade de eleito do CDS/PP, algo que seria impensável sem restituição aos portugueses dessa função fundamental da democracia que é a eleição dos seus representantes. -----*

*45 anos são metade de uma vida, a de muitos de nós que sempre viveram em liberdade e nunca sentiram na pele como era a vida num Portugal triste, do opróbrio de ter a imprensa, a literatura, o cinema e as artes censuradas, ou como era a vida num Portugal pobre, onde não se contestava a autoridade e se vivia habitualmente, ou de um país com presos políticos por delito de opinião. Esse Portugal que já não conheci, graças aos Capitães de Abril, foi um exemplo de libertação que gerou esperança e simpatia por todo o mundo. -----*

*Mas esse sentimento de esperança conheço muito bem. Vivi-o quando, no início da década de 90, os povos da Europa Oriental também se libertaram do jugo da tirania e*



---

*recuperaram a sua liberdade e autodeterminação. E hoje, a cada dia que passa, desejo para os venezuelanos, muitos deles também nossos compatriotas, que lutam diariamente pela sua liberdade e para poderem dar de comer aos seus próprios filhos. -*

*Nunca fui nem serei indiferente à liberdade, esse bem supremo para o ser humano que lhe permite sonhar e criar. Também por isso os seus inimigos são múltiplos e provêm de todos os quadrantes políticos. Passados 45 anos a liberdade não é um dado adquirido para a eternidade, é uma luta constante contra todos os que são apóstolos do politicamente correto, que pretendem zelar e interferir na nossa vida e nas nossas escolhas, se nós os permitirmos. Basta abrir a imprensa para darmos conta dos livros que querem proibir, mesmos infantis, daquilo que, para nosso bem, dizem, nos querem impedir de comer e beber, do policiamento da linguagem dos corpos, numa onda de puritanismo reacionário. O controlo do que dizemos ou escrevermos esse está de volta.-*

*Indigna-me, sobretudo, a forma como está nos infantiliza condicionando ou impedimento que cada um de nós faça as suas próprias opções nas áreas da educação, da Saúde, da Segurança Social, como se alguém soubesse gerir o que é o melhor para a nossa vida. -----*

*Como dizia Adelino Amaro da Costa “somos contra a exploração do homem pelo homem, mas também somos contra a exploração do homem pelo Estado”. -----*

*Hoje, mais do que ontem, preocupamo-nos com o estado da Liberdade, a que nos é paulatinamente e sub-repticiamente de retirada, mas também dá que voluntariamente abdicamos para ter, por exemplo, mais segurança. É por isso que devemos ter o espírito do 25 de Abril muito bem presente, não propriamente porque a história se repita, não porque a ditadura bater à porta, mas para que o exemplo da luta pela Liberdade não seja anestesiado ou apagado e muito menos apropriado ou monopolizado por aqueles que desprezam no democracia, porque o 25 de Abril de 1974 é um feito heroico fundacional do regime democrático português tal como hoje o conhecemos e vivemos, e da democracia, essa, nós não abdicamos. Viva o 25 de Abril, viva a Liberdade.” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Muito obrigada, Senhor Deputado. Dou agora a palavra ao Senhor Deputado Rui Seixas, do Bloco de Esquerda.” -----*

---

**Rui Seixas - Eleito do BE:** *“Muito boa noite a todos. Antes de mais gostaria de deixar um agradecimento especial à Diretora do Museu e também à Assembleia de Freguesia por esta iniciativa de recordarmos, em conjunto, e cada vez mais relevante nos dias de hoje, a importância da Democracia. Obrigado a todos pela vossa presença.-----*

*Este ano celebramos 45 anos da Revolução do 25 de Abril, o momento fundador da Democracia em Portugal, após várias décadas de ditadura. O 25 de Abril, não é apenas importante como uma data simbólica, mas também como um processo de transformação social que modelou o nosso presente. A vitória da Liberdade e da democracia contra o fascismo e a opressão permitiu a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e fraterna. -----*

*Com o 25 de Abril ampliaram-se os direitos de cidadania, implantou-se a Democracia e desenvolveu-se o Estado Social, conquistou-se o direito à participação política, democratizou-se a Educação, criou-se o Serviço Nacional de Saúde e garantiu-se o direito à habitação. -----*

*A Constituição da República, consagrou todos os direitos democráticos, sociais e laborais conquistados. As conquistas económicas e direitos da cidadania alcançados com a Revolução não são irreversíveis, e devem ser defendidos e protegidos contra a exploração laboral, as discriminações e a violência. Manter vivo o espírito de Abril implica aprofundar a Democracia e combater as desigualdades e a exclusão social. ----*

*Sabemos que vivemos tempos conturbados politicamente, em que muitas das conquistas e direitos fundamentais são postos em causa com cada vez mais frequência, seja em nome de um modelo económico que privilegie o lucro em vez da prestação de serviços, seja em nome de um modelo de sociedade excludente, que discrimina outros e outras em função da cor de pele, do género, orientação sexual ou ideias políticas. -----*

*Por isso, saudar e comemorar 45 anos de história democrática deve servir para avançar na garantia de direitos no país, mas também nas nossas cidades, nas nossas freguesias, o processo de centralização, que não é mais do que uma municipalização, promovido pelo PS e com o apoio do PSD, que é um passo atrás nos direitos e na importância que o Poder Local tem em Portugal. -----*

---

*Lembramos, de igual modo, a importância simbólica e prática do dia 1º de Maio, em que, internacionalmente, recordamos as lutas de trabalhadores e trabalhadoras, que se reforça a luta pela conquista de mais direitos. Em Portugal, o 1º de Maio de 1974, realizado 8 dias após o 25 de Abril, depois de décadas de repressão do Estado Novo, foi uma explosão de democracia nas ruas do País e marcou o início de uma conquista de direitos até aí negados: o Estado Social, a Segurança Social, o direito dos cuidados de saúde público, à educação, à habitação, o direito ao trabalho e ao salário, à luta pelo pleno emprego, o reconhecimento às férias e ao subsídio de férias, a proibição do despedimento sem justa causa, à instituição, pela primeira vez, do salário mínimo nacional. Foi também após esta data que se consagravam ainda o direito à greve, à contratação coletiva e à organização sindical, bem como um novo movimento de trabalho ao nível das empresas, as Comissões de Trabalhadores. -----*

*Exalto o 45º aniversário da Revolução como uma comemoração de luta que tem a sua plenitude na rua, espaço público e democrático. Presto tributo a todos aqueles que se envolveram na luta contra o fascismo e a ditadura e se empenharam pela democracia social e laboral e pela implementação do Estado Social. Saúdo, também, convosco o 1º de Maio e faço votos para que seja o momento agregador das várias gerações, assim como a coragem de todos os homens e mulheres que exigem dignidade, defesa da democracia, e do emprego e desenvolvimento progresso social. -----*

*Por último, deixando as palavras da minha colega, Cristina Neno: “O Bloco Esquerda termina com um grito! Precisamos lembrar os ideais de Abril todos os dias e a todos aqueles que nos rodeiam. O exercício da cidadania é a responsabilidade de todos”. Muito obrigado.” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Muito obrigada, Senhor Deputado. Dou agora a palavra ao Senhor Deputado Nuno Gomes, do Partido Comunista Português.” -----*

**Nuno Miguel Gomes – Eleito do PCP:** *“Muito boa noite a todos. Abril e Maio são meses especiais, como todos sabem. Meses que marcarão sempre a História do País e que nas bocas e braços de quem lutou pela Democracia e pelos direitos de quem não os teve durante décadas de sombrio fascismo, nunca deixarão de ser comemorados. -----*

---

*Em 1974, em menos de uma semana, Portugal libertou-se de uma ditadura que atrasou de forma marcante o País e às mãos da qual tantos e tantos sucumbiram ou se viram arrastados para um círculo de perseguição, tortura, fome, pobreza e ignorância. Teve ainda força para se lançar numa celebração pujante do primeiro 1º de Maio em liberdade, dando largas à voz que esteve presa 48 anos, afirmando que é ao povo a quem compete decidir os seus destinos e tomar nas suas mãos o que é seu por direito. --*

*Pelas leis da vida, são cada vez menos os que viveram estes momentos a estar presentes para no-los contar de viva voz. Também por isso nos compete, aos que não viveram mas gostariam de ter vivido, garantir que a Revolução de Abril não se torna mera história e que os valores de liberdade, de democracia, de fraternidade e cidadania não se deixem encerrar num museu. -----*

*Hoje, este esforço que tem de ser de todos, é tanto mais premente. Numa sociedade cada vez mais individualista, em que os laços coletivos se esbatem num sistema que promove a competição desenfreada pela sobrevivência, importa não deixar esquecer que só com a coragem e união de muitos foi possível mudar o país e conquistar direitos sem exceções. Num mundo em que se promovem divisões, em que as forças dominantes apartam povos e promovem o ódio, temos de ser nós, os “filhos de Abril”, a relembrar que é possível construir uma sociedade em que há espaço para todos, em que todos têm dignidade, em que não se olha a origem, classe ou posse. -----*

*Podemos e devemos começar pelas coisas simples. Pelo nosso bairro, pela nossa freguesia, pela coletividade da nossa zona, pela associação do nosso interesse, pela militância que nos mova. Tirar Abril das estantes a que muitos o querem remeter, é exercê-lo, todos os dias, em todas as oportunidades. É ouvir o nosso vizinho, é reunir na nossa associação, é reivindicar um bairro melhor, é exigir a obra na escola, é proteger o ambiente, é escrever, é manifestar, é votar, é ser eleito, é construir e participar coletivamente na realidade que é, de facto, a nossa. É isto que o PCP e os seus militantes procuram e encontram diariamente na sua militância. E é isto que desafiamos todos a experimentar. Façamos Abril acontecer!” -----*

---

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada, Senhor Deputado. Dou agora a palavra ao Senhor Deputado Afonso Pereira Costa, do Partido Social Democrata.” -----

**Afonso Pereira Costa – Eleito do PSD:** “Exma. Senhora Presidente de Mesa, minha cara amiga Luísa Vicente Mendes, que eu comprimento desde já; Senhora Diretora do Museu do Azulejo, o único Museu da Freguesia da Penha de França, que tem uma particularidade, para mim, muito especial, uma vez que me casei aqui nesta Igreja ao lado e, portanto, este Museu estará sempre no meu coração. Agradeço-lhe, desde já termos aceite aqui hoje, na Comemoração dos 45 anos do 25 de Abril. Senhor Coronel Andrade da Silva, foi há 45 anos, como disse, que um conjunto de jovens capitães, movidos pelos mais nobres ideais democráticos, se juntaram e com enorme coragem arriscaram a sua vida e o seu futuro para pôr fim a uma ditadura de quase 50 anos. ---

Hoje estamos a recordar o dia em que os militares derrubaram um regime autocrático, assente no corporativismo económico e numa ditadura de partido Único, regime esse que através da sua Polícia Política aplicava a censura e perseguia aqueles que se opunham à sua visão de sociedade. -----

A memória que hoje comemoramos foi um primeiro passo num processo longo que teve avanços e teve recuos, e como todos os anos verificamos, nomeadamente através de intervenções dos vários partidos aqui representados, a leitura deste momento varia consoante a perspetiva dos atores políticos e da sua ideologia. -----

Até porque os primeiros anos da democracia foram tempos difíceis que dividiram os portugueses. Não foi um início fácil. O 25 de Abril, enquanto data histórica, foi mais que um dia, foi um processo começou com a liberdade e culminou com a instauração da Democracia. -----

Estamos, portanto, a celebrar os 45 anos do Regime Democrático, uma democracia liberal, uma democracia ocidental e moderna, assente na representatividade parlamentar e no primado da lei, baseada numa economia capitalista e aberta, ancorada na liberdade de imprensa e na liberdade expressão, fortalecida pelo humanismo e pelo Estado Social em que o individuo é um centro da sociedade. -----

---

*Uma república em que a evolução da sociedade depende inteiramente da vontade popular e em que pela primeira vez na nossa História o voto é livre e universal. -----*

*Uma Democracia em que as ideias fluem, o livre pensamento é enaltecido e onde discordar é aceite e promovido. -----*

*Uma Democracia onde a liberdade é para todos, um regime fundado no 25 de Abril, que é de todos. -----*

*Daqui a 55 anos estaremos cá, certamente, a comemorar, alguns de nós pelo menos, o centenário do 25 de Abril de 1974, vai-se comemorar a Democracia e a Liberdade, vão-se enaltecer aqueles, como aqui o Coronel, que fizeram 25 de Abril - os Militares de Abril - nomeadamente esse herói que foi o Capitão Salgueiro Maia. -----*

*Falar do 25 de Abril é falar de algo que aconteceu, é falar do momento que permitiu os valores democráticos em que vivemos, mas também é continuar a lutar para que as próximas gerações possam usufruir desses mesmos valores. esta mentalidade, esta mudança de valores, esta realidade atual do subconsciente dum povo vindouro que quer preservar a Democracia, é algo que deve orgulhar todos aqueles que fizeram o 25 de Abril, porque se conseguimos evitar cair em populismos, quer sejam eles de esquerda e quer sejam direita, e enquanto as novas gerações precisarem destes ideais e dificilmente uma ditadura regressará a Portugal. -----*

*Portanto o que distingue o 25 de Abril de outras datas Históricas, é que o seu legado que não é só passado, é de presente e desejo imenso que seja de Futuro. -----*

*A democracia representativa tem que perdurar e o desenvolvimento tem que continuar. -----*

*O Poder Local é uma das conquistas da democracia que deve ser salientado. Foi esta conquista que nos permite estarmos aqui na multiplicidade das nossas opiniões a defender os interesses da Freguesia, dos seus habitantes e dos lisboetas em geral. -----*

*No que respeita à nossa Freguesia é preciso encetar um projeto que atraia o desenvolvimento, que tenha uma visão para o futuro e que organize melhor o dia-a-dia de todos. -----*

---

*O PSD, como sempre, está disponível para este desígnio, para se concentrar em fazer mais e melhor. Temos que acreditar no futuro e garantir a prosperidade e o desenvolvimento para os portugueses. -----*

*O Partido Social Democrata, hoje, 45 anos depois do 25 de Abril, deseja e reclama que os portugueses continuem a fazer Portugal juntos e que isso se demonstre sempre através da defesa e da prática diária da Liberdade e da democracia. -----*

*Viva a Liberdade! Viva a democracia! Viva o 25 de Abril!” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada, Senhor Deputado. Dou agora a palavra ao Senhor Deputado Paulo Pais, do Partido Socialista.” -----

**Paulo Prazeres Pais – Eleito do PS:** “Senhora Presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia; Senhora Presidente da Junta de Freguesia; Excelentíssimos Membros da Junta e da Assembleia de Freguesia; Senhora Diretora do Museu; Senhor Coronel; minhas Senhoras e meus Senhores. -----

*Há 45 anos, na “madrugada que eu esperava o dia inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio”, como referiu Sophia de Mello Breyner, nasceu a esperança de um novo tempo em Portugal. Naquela madrugada de abril caíram 48 anos de ditadura. Com ela a condenação de um povo ao cumprimento de uma pena de pobreza que parecia Perpétua, que se manifestava na falta de acesso à instrução, na falta de cuidados médicos, na falta de habitação condigna para largas camadas da população, em graves carências alimentares, e por vezes de fome, e na falta de acesso à cultura e na negação ao livre de pensamento. -----*

*Há 45 anos sepultou-se um regime que exortava os valores da família, mas discriminava as mulheres, negando-lhes o acesso à educação básica - mais de 30% eram analfabetas - impondo-lhes discriminação salarial e a menorização na letra da Lei. À mulher trabalhadora não lhe eram reconhecidos direitos de maternidade, um Regime que roubava a infância aos filhos dos pobres, condenando-os ao trabalho infantil, os quais tinham como única saída à perpetuação da pobreza a opção de imigrar a salto para França ou para outros países do Centro Europeu, onde muitos se sujeitaram a novas privações em nome de um amanhã melhor para os seus descendentes. -----*

---

*Há 45 anos acabou-se uma guerra injusta que ceifou muitas vidas na flor da juventude, que pintou de negro famílias lavadas em lágrimas que se despediam dos seus filhos no cais porque não sabiam se os voltavam a ver, ou quando a sorte permitia que os revissem, retornados do combate, já não eram os mesmos que tinham partido. -----*

*Há 45 anos, o vento deixou de calar a desgraça, como nos fala Manuel Alegre, soprou a notícia de uma gente que tirou os olhos do chão, empunhou cravos vermelhos e gritou que não queria continuar a viver na servidão. -----*

*Há 45 anos a Revolução vitoriosa enunciou três principais objetivos: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver. Diz-se que os dois primeiros D's foram cumpridos, faltando cumprir o terceiro – Desenvolver. Os objetivos de Democratizar e Desenvolver, intimamente ligados, correspondem a tarefas sempre inacabadas que nunca podemos dar como cumpridas. Nestes 45 anos construímos um Estado de Direito que se traduziu em grandes avanços nos domínios da saúde, educação, cultura, habitação, direitos laborais, no apoio aos mais frágeis e no desenvolvimento dos direitos sociais. Por vezes caímos na tentação de pensar que os adventos sociais e políticos, que coletivamente conquistamos, são irrevogáveis. Infelizmente tal não é verdade. -----*

*Nestes 45 anos, o Poder Democrático Local constitui, e continua a constituir, um importante pilar da Democracia Portuguesa, ajudando a esbater assimetrias, resolvendo aquilo a que damos por adquirido, o acesso à habitação condigna para quem antes vivia em barracas e, para a generalidade da população, água canalizada, saneamento básico, a eletricidade, o acesso aos equipamentos coletivos, desportivos e sociais. -----*

*45 anos depois, resolvidos estas importantes conquistas, que nos transportaram de um país em vias de desenvolvimento para um país desenvolvido, poderíamos pensar que se encontra esgotado o papel do Poder Local Democrático em Portugal. Nada mais de errado. A recente Reforma Administrativa em Lisboa, conjugada com o aprofundamento do processo de descentralização em curso, concedem ao Poder Local Democrático um papel de protagonista nos dois D's que temos de, quotidianamente, aprofundar: Democratizar e Desenvolver. -----*



---

*No desafio sempre atual da Democratização, reinventamos novas formas de envolvimento das populações nas tomadas de decisão ao nível local. Nos desafios do Desenvolvimento, contam-se complexas respostas a novas necessidades sociais, tais como o combate a novos territórios de exclusão social, que se formam à margem das alterações de paradigma de desenvolvimento económico, o combate ao isolamento dos mais velhos, em resultado de uma alteração de paradigma demográfico, o apoio aos mais novos, em resultado de alterações de contexto laboral e de organização familiar, ou no apoio à expressão de cultura local, ameaçada pela produção cultural massificada. -----*

*Também novos desafios globais encontram no nível local respostas com escala adequada, tais como as que resultam da adaptação às alterações climáticas, à necessidade de desenvolvimento do empreendedorismo local ou proteção e dinamização do comércio e atividades económicas locais, confrontadas por globalização económica, nas políticas de integração de refugiados ou migrantes, minorando riscos de novas fraturas sociais. -----*

*Parafraseando Zeca Afonso e Manuel Alegre, mesmo quando os tempos se apresentam difíceis e antevemos de novo sobre o céu cinzento batendo as asas pela noite calada o regresso dos vampiros que comem tudo à sua passagem, há sempre alguém que resiste há sempre alguém que diz não. Viva a Democracia! Viva o 25 de Abril!” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada, Senhor Deputado. Em nome do Executivo tem a palavra o Senhor Secretário, Manuel Ferreira.” -----

**Manuel dos Santos Ferreira – Secretário da Junta de Freguesia:** “Boa noite a todos. Exma. Senhora Diretora do Museu Nacional do Azulejo, Coronel Andrade da Silva, ilustres convidados, Membros da Assembleia, Membros do Executivo, público em geral. -----

*Em primeiro lugar, agradecer à Diretora do Museu Nacional do Azulejo a cedência deste espaço a realização do evento uma vez que é um dos símbolos da cultura na Freguesia da Penha de França. -----*

---

*Foi o dia 25 de abril 1974, data libertadora do País e do povo português, nos fez sonhar na Liberdade, livres da ditadura e numa esperança de paz e desenvolvimento. O Movimento das Forças Armadas apresentou um programa assente nos princípios da Liberdade, Democracia e na Justiça Social. Para efetuar o desenvolvimento, os Militares percorreram o País, indo ao encontro das populações, abrindo estradas onde haviam caminhos, construindo saneamento básico e procedendo à dinamização cultural com sessões de esclarecimento por essas aldeias esquecidas. -----*

*Como prometido no Programa do MFA, os Militares devolveram o Poder aos cidadãos logo que foram criadas as condições democráticas para tal, havendo por isso eleições para a Assembleia Constituinte em 1975, cuja Constituição foi aprovada a 2 de abril de 1976, daí originando, também, o Poder Autárquico Democrático. -----*

*Comemorar o 25 de Abril é defender a Democracia e as liberdades fundamentais do Povo português. Como disse Zeca Afonso, “traz um amigo também”. É necessário manter viva a chama e alertar os jovens para continuem a defender sempre e sempre os ideais de Abril. Viva o 25 de Abril!” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Senhora Doutora Antónia Pinto de Matos, Senhor Coronel Andrade e Silva, Senhora Presidente da Junta e todo o seu Executivo, caras e caros colegas da Assembleia de Freguesia, Senhores Funcionários da Junta de Freguesia, e que um grande apoio nos dão, ilustres convidados. -----*

*Com a canção de Paulo de Carvalho “E depois do adeus” e a canção de Zeca Afonso “Grândola Vila Morena” foi, na madrugada daquele dia 25 de Abril de 1974, dado aos militares os sinais de código para o arranque das operações para o ocupar de pontos fulcrais na capital com o objetivo de derrubar o Regime que havia 48 anos oprimia o nosso País, oprimia cruelmente o nosso povo. Foram os militares que começaram, mas foi o povo de Lisboa, que ao longo do dia se lhe for juntando, que contribuiu para que nada voltasse para trás. Uma vendedora de flores, na Baixa Lisboaeta, ofereceu cravos aos soldados que os ponham nos canos das suas espingardas, o Povo ponha o cravo no peito. Ainda hoje é o símbolo desta Revolução que nunca teve igual em todo o mundo. -----*

---

*E tudo mudou naquele dia. A utopia passou a sonho e o sonho a realidade. Grandes alterações aconteceram no nosso País: alterações sociais e alterações económicas. Para gerações mais novas, o viver de hoje é natural, mas não era. A mentalidade mudou. Foi a partir da Revolução dos Cravos que os portugueses passaram a ter não só deveres mas também direitos: direito à saúde, direito à educação, direito à habitação, direito à escolha, direito a dizer que sim, direito a dizer não. -----*

*Hoje vota-se escolhe-se em liberdade e Portugal abriu-se ao mundo. Tudo está feito? Claro que não. A democracia não é um puzzle que se termina. A democracia vai-se construindo e consolidando no dia-a-dia. Obriga a uma maior atenção para que o tempo não volte, efetivamente, para trás. É necessário que as gerações mais novas tenham conhecimento, e compreendam, que a liberdade não é um dado adquirido para sempre. Os direitos conquistam-se, mas é no dia-a-dia que se consolidam. -----*

*Nunca é demais lembrar a Revolução do 25 de Abril de 1974, a Revolução dos Cravos e, diariamente, regar esses cravos com a água da Democracia para que eles nunca, mas mesmo nunca, venham a murchar. Viva o 25 de Abril!” -----*

*“Esta nossa Assembleia, em que convidámos os amigos e os nossos cidadãos e concidadãos para estarem connosco, tinha uma frase que dizia “vem e traz um poema”, porque 25 de Abril fez-nos e faz-nos sonhar. A poesia é um sonho. -----*

*Agora, em seguimento, vamos ter poesia. Os representantes das diversas Forças Políticas e da Junta virão dizer poesia. Depois convidamos quem está na sala e queira dizer poesia que venha aqui dizer partilhe connosco este sonho, partilhe connosco esta alegria. No final teremos também música com dois amigos que se quiseram juntar a nós. Obrigada. -----*

*Chamo Silvia Ferreira, Vogal da Cultura e da Educação da Junta de Freguesia.” ---*

**Silvia Ferreira – Vogal da Junta de Freguesia:** *“Boa noite a todos. Obrigada pela vossa presença. Eu não vou começar a ler sem dizer que tenho muito orgulho em estar aqui. Vou ler um poema do nosso camarada de Executivo, o Manuel, mais conhecido por Santos Ferreira, para mim é o amigo Manuel, e é com muito orgulho que eu faço. É um homem que viveu 25 de Abril com todo o coração e a emoção e com todo o espírito que já foi aqui, hoje, partilhado, e que me deu hoje a honra de poder ler aqui este*

---

poema escrito pelo próprio, uma homenagem ao 25 de Abril e uma homenagem ao poeta Camões. -----

*“Chama-se “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”.* -----

*Toda a mudança é fruto da tempestade / Que a certa altura se abate e continua / dominando um país sem liberdade / Onde o Povo não pode vir à rua -----*

*Pois que as grades não prendem a razão / E as algemas não chegam p’rás ideias / Desaparecerem tristemente em vão / Mas sim alertar as mentes alheias -----*

*Chegada em fim a hora almejada / Prenhe de paz ambição e verdades / Que era há muito por todos desejada -----*

*Juntam-se as mãos de todas as idades / Num coro de união que se aguardava / Mudam-se os tempos mudam-se as vontades” -----*

*Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade. Obrigada.” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Muito obrigada Silvia. Dou agora a palavra ao Filipe Rações, representante do PAN.” -----*

**Filipe Pimentel Rações – Eleito do PAN:** *“Muito obrigado Senhora Presidente. Boa noite outra vez. Trago-vos um poema de José Saramago, de 1966, intitulado “Ouvindo Beethoven. A minha interpretação deste poema é aquilo que vocês poderão ver, um presságio do que se viria a passar 8 anos depois.” -----*

*“Venham leis e homens de balanças, / mandamentos d’aquém e d’além mundo. / Venham ordens, decretos e vinganças, / desça em nós o juízo até ao fundo. -----*

*Nos cruzamentos todos da cidade / a luz vermelha brilhe inquisidora, / risquem no chão os dentes da vaidade / e mandem que os lavemos a vassoura. -----*

*A quantas mãos existam peçam dedos / para sujar nas fichas dos arquivos. / Não respeitem mistérios nem segredos / que é natural os homens serem esquivos. -----*

*Ponham livros de ponto em toda a parte, / relógios a marcar a hora exacta. / Não aceitem nem queiram outra arte / que a prosa de registo, o verso acta. -----*

*Mas quando nos julgarem bem seguros, / cercados de bastões e fortalezas, / hão-de ruir em estrondo os altos muros / e chegará o dia das surpresas. -----*

*Muito obrigado.” -----*

---

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada Filipe Rações. Dou agora a palavra ao Pedro Cardoso, representante do CDS/PP.” -----

**Pedro Cardoso – Eleito do CDS/PP:** “Boa noite outra vez. Pelo respeito que tenho à cultura, e sobretudo a esta grande senhora, considero que é um atrevimento da minha parte tomar minhas as palavras tão bem escritas de Sophia de Mello Breyner, de um poema intitulado “Pátria”, e que eu creio que tem, de facto, a ver com o momento que vivemos hoje e ela é sempre tão bem presente. Peço, desde já, desculpa se não conseguir passar a mensagem do poema.” -----

“Por um país de pedra e vento duro / Por um país de luz perfeita e clara / Pelo negro da terra e pelo branco do muro -----  
Pelos rostos de silêncio e de paciência / Que a miséria longamente desenhou / Rente aos ossos com toda a exactidão / Dum longo relatório irrecusável -----  
E pelos rostos iguais ao sol e ao vento -----  
E pela limpidez das tão amadas / Palavras sempre ditas com paixão / Pela cor e pelo peso das palavras / Pelo concreto silêncio limpo das palavras / Onde se erguem as coisas nomeadas / Pela nudez das palavras deslumbradas -----  
Pedra rio vento casa / Pranto dia canto alento / Espaço raiz e água / Ó minha pátria e meu centro -----  
Me dói a lua me soluça o mar / E o exílio se inscreve em pleno tempo” -----

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada Pedro Cardoso. Dou agora a palavra à Cristina Neno, representante do BE.” -----

**Cristina Neno – Eleita do BE:** “Boa noite a todos. Trago um poema de José Régio, “Cântico Negro”. -----

“Vem por aqui” - dizem-me alguns com os olhos doces / Estendendo-me os braços, e seguros / De que seria bom que eu os ouvisse / Quando me dizem: “vem por aqui!” / Eu olho-os com olhos lassos, / (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços) / E cruzo os braços, / E nunca vou por ali... -----  
A minha glória é esta: / Criar desumanidade! / Não acompanhar ninguém. / - Que eu vivo com o mesmo sem-vontade / Com que rasguei o ventre à minha mãe -----  
Não, não vou por aí! Só vou por onde / Me levam meus próprios passos... -----

---

*Se ao que busco saber nenhum de vós responde / Por que me repetis: "vem por aqui!"? -----*

*Prefiro escorregar nos becos lamacentos, / Redemoinhar aos ventos, / Como farrapos, arrastar os pés sangrentos, / A ir por aí... -----*

*Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar florestas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada! / O mais que faço não vale nada. -----*

*Como, pois sereis vós / Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem / Para eu derrubar os meus obstáculos?... / Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós, / E vós amais o que é fácil! / Eu amo o Longe e a Miragem, / Amo os abismos, as torrentes, os desertos... -----*

*Ide! Tendes estradas, / Tendes jardins, tendes canteiros, / Tendes pátria, tendes tectos, / E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios... / Eu tenho a minha Loucura! / Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura, / E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios... -----*

*Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém. / Todos tiveram pai, todos tiveram mãe; / Mas eu, que nunca princípio nem acabo, / Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo. -----*

*Ah, que ninguém me dê piedosas intenções! / Ninguém me peça definições! / Ninguém me diga: "vem por aqui"! -----*

*A minha vida é um vendaval que se soltou. / É uma onda que se alevantou. / É um átomo a mais que se animou... / Não sei por onde vou, / Não sei para onde vou / - Sei que não vou por aí!" -----*

*Obrigada." -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada Cristina Neno. Dou agora a palavra ao Daniel Oliveira, representante do PCP.” -----

**Daniel Oliveira – Eleito do PCP:** “Muito boa noite a todos. Só para contextualizar um bocadinho, o disparate em que eu me coloquei ao escolher este poema. Este poema tem uma versão editada de 16 minutos. Garanto-vos que não é a que venho aqui tentar reproduzir, mas claro que estive a ouvir, claro que estive a trincar – é o termo correto - e percebo, efetivamente, que não é propriamente exercício que se deva fazer, porque

---

*cada poema tem a voz do poeta que a escreve, e se há alguns escrevem e se calhar não têm a voz tão estrondosa como outros, José Carlos Ary dos Santos com certeza que tinha. E portanto, queria partilhar um pouco convosco parte de “As portas que Abril abriu”.* -----

*Era uma vez um país / onde entre o mar e a guerra / vivia o mais infeliz / dos povos à beira-terra.* -----

(...) -----

*Era uma vez um país / onde o pão era contado / onde quem tinha a raiz / tinha o fruto arrecadado / onde quem tinha o dinheiro / tinha o operário algemado / onde suava o ceifeiro / que dormia com o gado / onde tossia o mineiro / em Aljustrel ajustado / onde morria primeiro / quem nascia desgraçado.* -----

(...) -----

*Um povo que era levado / para Angola nos porões / um povo que era tratado / como a arma dos patrões / um povo que era obrigado / a matar por suas mãos / sem saber que um bom soldado / nunca fere os seus irmãos.* -----

*Ora passou-se porém / que dentro de um povo escravo / alguém que lhe queria bem / um dia plantou um cravo.* -----

*Era a semente da esperança / feita de força e vontade / era ainda uma criança / mas já era a liberdade.* -----

*Era já uma promessa / era a força da razão / do coração à cabeça / da cabeça ao coração. / Quem o fez era soldado / homem novo capitão / mas também tinha a seu lado / muitos homens na prisão.* -----

*Esses que tinham lutado / a defender um irmão / esses que tinham passado / o horror da solidão / esses que tinham jurado / sobre uma côdea de pão / ver o povo libertado / do terror da opressão.* -----

(...) -----

*Disse a primeira palavra / na madrugada serena / um poeta que cantava / o povo é quem mais ordena.* -----

(..) -----

---

*Dizia soldado amigo / meu camarada e irmão / este povo está contigo / nascemos do mesmo chão / trazemos a mesma chama / temos a mesma razão / dormimos na mesma cama / comendo do mesmo pão. / Camarada e meu amigo / soldadinho ou capitão / este povo está contigo / a malta dá-te razão. -----*

*(...) -----*

*Mesmo que tenha passado / às vezes por mãos estranhas / o poder que ali foi dado / saiu das nossas entranhas. / Saiu das vinhas sobredos / vales socalcos searas / serras atalhos veredas / lezírias e praias claras / onde um povo se curvava / como um vime de tristeza / sobre um rio onde mirava / a sua própria pobreza. -----*

*E se esse poder um dia / o quiser roubar alguém / não fica na burguesia / volta à barriga da mãe. / Volta à barriga da terra / que em boa hora o pariu / agora ninguém mais cerra / as portas que Abril abriu. -----*

*Essas portas que em Caxias / se escancararam de vez / essas janelas vazias / que se encheram outra vez / e essas celas tão frias / tão cheias de sordidez / que espreitavam como espias / todo o povo português. -----*

*(...) -----*

*De tudo o que Abril abriu / ainda pouco se disse / um menino que sorriu / uma porta que se abrisse / um fruto que se expandiu / um pão que se repartisse / um capitão que seguiu / o que a história lhe predisse / e entre vinhas sobredos / vales socalcos searas / serras atalhos veredas / lezírias e praias claras / um povo que levantava / sobre um rio de pobreza / a bandeira em que ondulava / a sua própria grandeza! / De tudo o que Abril abriu / ainda pouco se disse / e só nos faltava agora / que este Abril não se cumprisse. / Só nos faltava que os cães / viessem ferrar o dente / na carne dos capitães / que se arriscaram na frente. -----*

*(...) -----*

*Ouvi banqueiros fascistas / agiotas do lazer / latifundiários machistas / balofos verbos de encher / e outras coisas em istas / que não cabe dizer aqui / que aos capitães progressistas / o povo deu o poder! / E se esse poder um dia / o quiser roubar alguém / não fica na burguesia / volta à barriga da mãe! / Volta à barriga da*



---

terra / que em boa hora o pariu / agora ninguém mais cerra / as portas que Abril  
abriu!” -----

“Viva o 25 de Abril!” -----

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada Daniel Oliveira. Dou  
agora a palavra ao Jorge Neves, representante do PSD.” -----

**Jorge Neves – Eleito do PSD:** “Boa noite a todos. Venho ler um poema do Manuel  
Alegre, em homenagem ao herói do 25 de Abril, o Salgueiro Maia.” -----

“Ficaste na pureza inicial / do gesto que liberta e se desprende. / Havia em ti o  
símbolo e o sinal / havia em ti o herói que não se rende. -----

Outros jogaram o jogo viciado / para ti nem poder nem sua regra. / Conquistador do  
sonho inconquistado / havia em ti o herói que não se integra. -----

Por isso ficarás como quem vem / dar outro rosto ao rosto da cidade. / Diz-se o teu  
nome e sais de Santarém / trazendo a espada e a flor da liberdade.” -----

“Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!” -----

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** “Muito obrigada Jorge Neves. Dou  
agora a palavra à Fátima Duarte, representante do PS.” -----

**Fátima Duarte – Eleita pelo PS:** “Muito boa noite a todas e a todos. Estamos nesta  
sessão fantástica em que estamos com História contada. Temos aqui uma memória da  
História, uma memória viva e vivida, e penso que um momento de poesia, e como disse  
a nossa Presidente da Assembleia, a ideia, é coragem, mas é também memória, e os  
poetas e poetizas muitas vezes utilizavam, e utilizam ainda, a poesia para que a  
memória não se esqueça no tempo. Vou ler-vos um poema de Jorge de Sena, “Cantiga  
de Abril”, e Jorge de Sena disse que escreveu este poema exatamente porque não  
queria morrer sem saber qual era a cor da Liberdade.” -----

“Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----

Quase, quase cinquenta anos / reinaram neste país, / e conta de tantos danos, / de  
tantos crimes e enganos, / chegava até à raiz. -----

Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----

Tantos morreram sem ver / o dia do despertar! / Tantos sem poder saber / com que  
letras escrever, / com que palavras gritar! -----

---

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----*

*Essa paz de cemitério / toda prisão ou censura. / e o poder feito galdério, / sem limite e sem cautério, / todo embófia e sinecura. -----*

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----*

*Esses ricos sem vergonha, / esses pobres sem futuro, / essa emigração medonha, / e a tristeza uma peçonha / envenenando o ar puro. -----*

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----*

*Essas guerra de além-mar / gastando as armas e a gente, / esse morrer e matar / sem sinal de se acabar / por política demente. -----*

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----*

*Esse perder-se no mundo / o nome de Portugal, / essa amargura sem fundo, / só miséria sem segundo, / só desespero fatal. -----*

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----*

*Quase, quase cinquenta anos / durou esta eternidade, / numa sombra de gusanos / e em negócios de ciganos, / entre mentira e maldade. -----*

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha. -----*

*Saem tanques para a rua, / sai o povo logo atrás: / estala enfim, altiva e nua, / com força que não recua, / a verdade mais veraz. -----*

*Qual a cor da liberdade? / É verde, verde e vermelha.” -----*

*“Bandeira de Portugal. Viva o25 de Abril!” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Muito obrigada Fátima Duarte. Eu vou ler um pequeno sonete de Sidónio Muralha, o “Soneto imperfeito da caminhada perfeita”.* -----

*“Já não há mordanças, nem ameaças, nem algemas / que possam perturbar a nossa caminhada, / em que os poetas são os próprios versos dos poemas / e onde cada poema é uma bandeira desfraldada. -----*

*Ninguém fala em parar ou regressar. / Ninguém teme as mordanças ou algemas. / - O braço que bater há-de cansar / e os poetas são os próprios versos dos poemas. -----*

*Versos brandos... Ninguém mos peça agora. / Eu já não me pertença: Sou da hora. / E não há mordanças, nem ameaças, nem algemas -----*

---

*que possam perturbar a nossa caminhada, / onde cada poema é uma bandeira desfraldada / e os poetas são os próprios versos dos poemas.” -----*

*“Viva o 25 de Abril!” -----*

*“E agora, amigos que aqui estão, o microfone é vosso.” -----*

**Coronel Andrade da Silva:** *“Como militar, não posso deixar de dizer um muito bem-haja àqueles que celebram o 25 de Abril mas não se esquecem de falar aqui dos Capitães de Abril. Àqueles que falaram dos Capitães de Abril, forma jovens heróis que deram Abril a Portugal, um grande abraço fraterno. Ary dos Santos falou de Capitães, falava sempre de Capitães, e se estivesse aqui tinha erguido a sua voz a gritar pelos Capitães. Que ninguém esqueça e evoque Ary dos Santos sem nas suas Celebrações do 25 de Abril e esquecerem esses heroicos Capitães que estão todos vivos! Salgueiro Maia, presente! Carlos Fabião, presente! Vasco Gonçalves, presente! Miranda, presente! Estamos todos presentes. Portanto, um abraço fraterno, e destes Militares de Abril àqueles que na Comemoração do 25 de Abril não esquecem os soldados da Pátria, os Capitães que aqui e em todo o lado evocam concretamente, a palavra Capitão. Capitão não é uma palavra militar. Salgueiro Maia dizia “somos todos Capitães”. Que a juventude, quando falar do 25 de Abril, não esqueça que somos todos Capitães. Uma palavra que deve estar sempre presente é “Capitão”. E só se formos todos Capitães é que havemos de vencer e elevar bem alto, e sempre, a Democracia. ---*

*Um grande bem-haja àqueles que não se esqueceram do Capitão – Somos todos Capitães.” -----*

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Muito obrigada Senhor Coronel. Mais ninguém vem ao microfone dizer o que lhe vai na alma ou o que, em determinada altura, lhe foi na alma? -----*

*Vamos, então, passar à parte da música, em que temos José Augusto Coelho e Jorge Mendes, que vêm partilhar connosco canções de Abril.” -----*

**\* Momento musical \*** -----

**Senhora Presidente da Mesa da Assembleia:** *“Muito obrigada José Augusto Coelho, muito obrigada Jorge Mendes. -----*

Antes de encerrar esta Sessão Comemorativa do 25 de Abril, Sessão da Assembleia de Freguesia da Penha de França, queria informar que amanhã, pelas 19h00, na Praça Paiva Couceiro, irá ser plantada uma árvore e descerrada uma placa, numa grande pedra, em homenagem a todos os autarcas deste País desde 1974. Estão todos convidados para estarem presentes. -----

E chegámos ao fim desta Sessão. A Junta, amavelmente, oferece-nos um porto de honra. Muito obrigada pela vossa presença, e daqui a um ano de certeza que estaremos noutra local a celebrar esta data que não vamos deixar morrer. -----

Boa noite e obrigada.” -----



A Senhora Presidente da Mesa da Assembleia deu por encerrada a Reunião, pelas vinte e duas horas, da qual se lavrou a presente Ata que vai ser assinada por mim, funcionário desta Autarquia, pela Presidente e pelos dois Secretários da Mesa da Assembleia de Freguesia de Freguesia. -----

**O Funcionário**



**Alexandre Ribeiro**

**A Presidente da Mesa da  
Assembleia de Freguesia**



**Maria Luísa Vicente Mendes**

**O Primeiro Secretário em exercício da  
Mesa da Assembleia**



**António Neira Nunes**

**A Segunda Secretária em exercício da  
Mesa da Assembleia**



**Elsa Maria Moura do Sacramento**